

LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÃO DO CINEMA COMO ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL

Ana Iara Silva de Deus¹
Carmem Rodrigues Pereira²

RESUMO

Este trabalho apresenta um projeto de cinema desenvolvido na Escola de Ensino Fundamental Portinari, na cidade de São Luiz Gonzaga, localizada no noroeste do Rio Grande do Sul. Este trabalho estruturou-se em dois módulos: o primeiro momento possibilitou compreender e instalar o cinema na escola não apenas como ato pedagógico, mas legitimar seu lugar como ato criativo, por meio da apresentação de filmes, com a criação do espaço Cine-Clube na escola para que os (as) alunos (as) pudessem mergulhar nos filmes trabalhados e desenvolver a educação do olhar estético, que ultrapasse o simples acompanhamento do fluxo narrativo e fugisse da leitura decodificada, mas que o aproximasse como ato de criação e apreciação estética. Desta forma, o segundo módulo partiu do ato de aproximação do cinema à vida dos educandos e passou para os passos da criação e compreensão da linguagem cinematográfica, com a produção de documentários, ficções e exercícios práticos de cinema como compreensão dos planos, enquadramentos, luzes, som, envolvendo os aspectos básicos do cinema.

¹ Graduação em Pedagogia, pós-graduação em Educação Infantil. Mestrado em Educação e é Arteterapeuta. Atualmente, é professora titular da disciplina de Fundamentos Metodológicos do Ensino das Artes e Estrutura e Funcionamento da Educação Básica no curso de Pedagogia do Instituto Cenecista de Ensino Superior de Santo Ângelo (IESA). Atualmente é coordenadora pedagógica da Escola de Ensino Fundamental Portinari. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social - GEPEIS - da UFSM. Trabalha com formação continuada de professores nos seguintes temas: Cinema na Educação, Cinema na Formação de professores, Educação Infantil, Artes Visuais, Educação Estética e Arteterapia. Contato: anaigaradeus@hotmail.com.

² Graduada em Letras/Português - Inglês, pela Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Literaturas. Especialização em Tecnologia da Comunicação e Informação Aplicadas à Educação, na UFSM. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social-GEPEIS da UFSM. Contato: pcarmemsilvia@yahoo.com.br.

para reinventar com ele. Assim, o projeto ultrapassou as análises fílmicas para adentrar no processo de criação, que sintetizou, na prática, a aproximação do cinema na escola, como ato criativo, inventivo poético e estético. Para tanto, o projeto embasou-se nas contribuições dos teóricos que sustentaram a discussão como Fresquet, Deleuze e Bergala dentre outros. Além disso, o trabalho procurou deslocar o foco da leitura analítica e crítica dos filmes para uma leitura criativa, que estabelecesse uma relação do espectador com o diretor dos filmes, e que o levasse a acompanhá-lo, na sua imaginação, as emoções de todo processo criativo. Assim, este trabalho desenvolvido possibilitou olhar o cinema como arte na escola, legitimando seu espaço como criação, invenção, imaginação e experiência estética. Desse modo, o cinema na escola visto deste prisma, permite repensar a própria educação, vendo-a como uma pedagogia da diferença, ou pedagogia do não dito, do não explicado, do obscuro, da descoberta. Talvez esta seja a contribuição do cinema na educação: apontar caminhos para a inversão da pedagogia da explicação.

Palavras-chave: Arte, Educação, Cinema, Escola.

INTRODUÇÃO

Pensar o cinema não apenas como ato pedagógico, mas legitimar seu lugar como ato criativo é o principal papel deste na escola. Conforme salienta Bergala (2007), significa pensar os filmes como um gesto de criação, não como objeto de leitura descodificada, mas cada plano como uma pincelada de um pintor na tela, como se pudesse compreender seu processo de criação. Entretanto, para visualizar o cinema dessa maneira é necessário vê-lo como arte na escola.

Com essa visão, Bergala(2007) pretende deslocar o foco da leitura analítica e crítica dos filmes para uma leitura criativa, que estabeleça uma relação entre espectador e autor dos filmes, e que o leve a acompanhá-lo, em sua imaginação, as emoções de todo o processo criativo.

Nessa perspectiva, o cinema passa a ser visto como arte no âmbito escolar, porque ultrapassa a ideia do puro e simples ato pedagógico, pelo qual apenas pretende-se atingir determinado objetivo com os filmes, ou que esses devem estar estritamente interligados com os conteúdos de ensino. Ao contrário, pensar o cinema como arte na escola significa legitimar seu espaço como criação, invenção, imaginação e experiência estética.

Outro fator importantíssimo que nos faz pensar o cinema como arte na escola é o papel de alteridade que a linguagem cinematográfica propicia aos alunos nas instituições escolares, pois a arte interliga-se com o cinema na escola quando a emoção e o pensamento se unem. Nas palavras de Teixeira:

O cinema pensado como alteridade interroga o já visto, remove o instituído, desloca os olhares, inventa ideias, possibilidades, outros enredos, novas imagens, luminosidades tantas [...] O cinema deve estar na escola não como um conteúdo curricular e campo de especialidade de um professor, mas de outra maneira, em outra perspectiva, fugindo a racionalidade instrumental e conteúdos a serem aferidos e mensurados pelos profissionais especializados nisso e naquilo. Trata-se, ao revés de um encontro com o cinema como expressividade, como um largo horizonte de possibilidades que permitem a experiência estética (2011, p.14).

Entretanto, para que o cinema seja visto e, de fato, abordado dessa forma, é necessário, como recomenda Bergala (2007), propiciar um clima de autonomia, por parte de quem aprende, modificando a “explicação” pela “exposição” de muitos e bons filmes, procurando estabelecer uma cultura cinematográfica. E, para que esse processo ocorra, será imprescindível a mediação educativa que auxiliará a articulação, comparando trechos de filmes, e aguçando a observação das sutilezas.

Sob essa perspectiva, pode-se refletir que o cinema na escola proporciona outras formas de ser e estar em aula, pois descentraliza o papel do professor, como figura central do processo de aprendizagem. Dessa maneira, ultrapassa-se a ideia de massificação e centralização de conteúdos dados, pois, como assegura Fresquet (2013), todos se colocam na mesma condição e direção. Ao assistirem um filme, não há uma relação que coloque os corpos de frente uns para os outros, espelhando o enfrentamento de quem sabe e de quem não sabe. Todos se colocam no mesmo sentido, de frente para a tela. Desse modo, o cinema na educação pode ser considerado como uma nova linguagem para a reinvenção da própria escola.

É importante salientar, no entanto, que, ao propor o cinema na ação docente, o professor deve levar em conta os fatores psicológicos e simbólicos que estão por detrás de quem assiste a um filme. Assim, quando as crianças e jovens projetam-se na tela do cinema, televisão ou câmara fotográfica, diferentes reações podem surgir: emoção, tédio, alegria, envolvimento ou afastamento e, até mesmo, repulsa. Entretanto, essas primeiras experiências serão os primeiros passos para a atividade do cinema na educação, além de muitas outras que poderão ser proporcionadas, se for oferecido espaço e tempo para criação, projeção e experimentação.

Fresquet (2013, p. 19) enfatiza que

Os possíveis vínculos entre o cinema e a educação se multiplicam a cada momento, a cada nova iniciativa ou projeto que os coloca em diálogo. Fundamentalmente, trata-se de um gesto de criação que promove novas relações entre as coisas, pessoas, lugares e épocas. De fato, o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante do espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto.

Assim, pensar o cinema como arte na escola requer proporcionar espaços de criação, de percepção de sons, imagens, luzes, planos, montagens, composições, bem como as impressões e sentimentos que afloram nesses espaços.

Isso é o que assegura Bergala (2007) em seu livro *A Hipótese-Cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. A aproximação do cinema na escola é uma oportunidade para vê-lo como um bom objeto, mas, para que seja visto dessa forma, deve ser concebido antes como arte, para não preconizar o estudo de filmes em aula, com o famoso pretexto de desenvolver o senso crítico. [...] A escola segue massivamente a ideia de exibir os filmes para posteriormente debater com os alunos. Assim, assistir aos filmes não passa de um grande pretexto para dialogar sobre determinado tema.

Contrário a essa visão, o cinema na educação viabiliza muitas possibilidades dentre as quais, a educação do olhar nas crianças e jovens para a beleza do que existe ao redor de si. Além disso, possibilita uma relação de alteridade quando potencializa o olhar nos olhos do outro, os quais revelam e ocultam um mundo inteiro para ser descoberto. Dessa maneira, o cinema como arte na escola abre espaços para a pedagogia da criação, da imaginação, da reinvenção de muitos possíveis imaginários e inúmeros devires.

Nas palavras de Fresquet:

Nossa experiência nos revela que a potência da zona de fronteira entre o cinema e a educação é pedagógica, estética e politicamente fértil para aprofundar o conhecimento de si e do mundo. Quando isso acontece no espaço escolar, a possibilidade de desestabilizar certezas e questionar valores se torna uma experiência de ver e rever o mundo e o que temos aprendido nele. A lente da câmera parece circunscrever e recortar aquilo que desejamos conhecer, marcada pelo ritmo do tempo (2013, p.123).

Assim, a potência do cinema na educação é pedagógica, porém não voltada para uma pedagogia da transmissão do passar, mas do encontro da alteridade, da criação, da incerteza, da surpresa e do risco. Bergala (2007) discorre sobre essa questão, quando argumenta a troca do verbo transmitir ou ensinar para impregnar, contagiar, contaminar, situações em que o professor corre os mesmos riscos. Assim, inverte-se a ordem das coisas, pois se ultrapassa a pedagogia da explicação para uma pedagogia do risco, da descoberta e criação conjunta com os (as) alunos (as).

Portanto, com base nas afirmações dos autores citados, viabilizar o cinema como arte na escola necessita primeiramente romper com a concepção do “pedagogismo”, ou seja, assistir a filmes com caráter pedagógico e moralizador. Felizmente, com o estudo, foi possível entrar em contato com essa visão do cinema como potência na escola. Isso nos provoca e convida para uma experiência única e pessoal de absoluta alteridade.

1. LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÃO DO CINEMA COMO ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL

Com base nas afirmações anteriores, e juntamente com as educadoras do Ensino Fundamental, aventurei-me a aproximar o cinema na educação com o projeto: **A LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA NA AÇÃO EDUCATIVA**, iniciado em 2013 com uma turma de 2º ano e que se expandiu para toda a escola durante o ano seguinte.

Dessa maneira, o projeto inicial envolveu a análise e significações estéticas de vários filmes, bem como fragmentos de documentários, filmes e animações exploradas em sala de aula. Estes materiais audiovisuais foram selecionados pela educadora, pois nos apoiamos na ideia de Bergala (2007) quando propõe outra culturacinematográfica, que não parta apenas do que as crianças gostam. Essa atitude, não significou desconsiderar o gosto das crianças, mas movimentar outros pontos de vistas. Para Bergala (2007), “o que elas gostam”, não se criou espontaneamente, mas a partir de um intenso constante bombardeio publicitário dos meios de comunicação.

Então, a partir desse referencial teórico, partimos para a exposição de muitos filmes, documentários e animações em sala de aula, para possibilitar espaços de questionamentos e reformulações de ideias pré-concebidas. Assim, com a pedagogia do fragmento, porque não era possível assistir a um filme inteiro em uma aula, iniciamos a sensibilização pedagógica com o cinema na sala de aula, para além do ato conteudista.

Sobre essa questão, Fresquet assim argumenta:

A proposta de iniciar as crianças em um tipo de cinema não comercial, não tem qualquer relação com arrastá-las do lugar comum para outro lugar. Uma proposta da formação do gosto parte exclusivamente do encontro com a alteridade fundamental na obra de arte, como desconforto e o choque que ela provoca (2013, p. 49).

Essa foi a intenção inicial quando propusemos o cinema com as crianças do 2º ano do Ensino Fundamental, ou seja, provocar o contato com filmes que não fosse os que eles estavam acostumados a assistir, propiciando o contato direto com a alteridade e, mais ainda, provocar a imaginação, a curiosidade sobre o que vai acontecer nas cenas seguintes, no momento em que o filme era interrompido para ser visto em outro encontro.

Por isso, a pedagogia do fragmento destacada por Bergala (2007) pontua dois modos de escolher e pensar um trecho de filme: como um extrato autônomo, apreendido em sua totalidade ou, ao contrário, como um fragmento retirado de um filme, no qual o corte se faz presente. Segundo esse autor, em ambas as maneiras, pode-se chegar a resultados positivos pedagogicamente.

A “pedagogia do fragmento”, ponderada pelo autor, instiga a criança a pensar sobre a produção do filme, o roteiro, algo da vida do autor, pois cria curiosidade. Assim, o que momentaneamente parece um mal, cortar um filme no meio para ver em outro momento, torna-se algo construtivo, porque as crianças irão pensar as cenas, elaborar ideias sobre o filme, perpassando os muros escolares, transbordando esse ato para suas casas, com seus familiares ou amigos.

Esse transbordar é considerado por Bergala (2007), quando ele salienta o plano como “a menor célula viva” de um filme, possibilitando o desenvolvimento de um olhar, que ultrapassa o simples acompanhamento do fluxo narrativo, ou seja, revela a essência das substâncias da linguagem cinematográfica, os gestos, os enquadramentos, que revelam, ocultam, e mostram outros possíveis mundos. Há que considerar que cinema é arte e como tal existe para desvelar, para mostrar o visível, o invisível e o imperceptível que permeia o obscuro.

Ao analisar a arte cinematográfica por esse prisma, poderíamos pensar no cinema na educação como uma pedagogia da diferença, ou pedagogia do não dito, do não explicado, do obscuro, da descoberta. Talvez essa seja a contribuição do cinema na educação, ou seja, ao esconder e revelar planos, cenas, ações e emoções o cinema aponta caminhos para a inversão da pedagogia da explicação.

Coutinho enfatiza esse ponto de vista quando argumenta:

A arte talvez seja a maneira mais completa e complexa de ensinar qualquer conteúdo, visão de mundo, experiência ou sentimento. Quais as razões para tal proposição? Contradicitoriamente, a mais básica delas parece ser uma negação mesma desta proposição: uma verdadeira obra de arte não quer ensinar nada, não pretende convencer ninguém: ela apresenta experiências, sentimentos, pensamentos e valores, relativizados pela dialética dos personagens, que são essas experiências objetivadas; não determina maneira de ser e de pensar; apenas propõe. Numa palavra: a arte é sua determinação em mostrar, e não em convencer, paradoxalmente termina por fazer dela uma atividade exemplar (2013, p.19).

A arte explicitada por Coutinho apresenta esses elementos-surpresa de descobertas e é extremamente complexa. Por isso, não pretende ensinar ou convencer ninguém. Simplesmente revela características de alteridade e, com esse elemento, tudo pode ser aprendido, desaprendido ou reinventado.

Dessa forma, a partir destes atos de aproximação do cinema à vida dos educandos, surgiu o interesse pela criação e, assim, foi produzido um documentário intitulado: *Curiosos por natureza*³, no qual investigaram a situação do lixo em nosso município, e destacaram seus pontos de vistas ideias e

³ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=6XuxwRtHpbc>

significações, por meio da criação cinematográfica. Assim, adentramos no cinema inicialmente como uma operação técnica, com análises filmicas para vislumbramos a “análise de criação”. Aventuramo-nos conjuntamente com as crianças neste jogo fascinante que é o cinema na educação, pois não sabíamos como fazer, no entanto descobrimos juntos que o trabalho com cinema na escola não requer conhecimentos prévios, apenas o desejo da descoberta.

Com o processo da análise de criação caminhamos para o ato criativo, propriamente dito, com a produção do filme: *O mito das estações do ano*, no qual as crianças juntamente com a educadora puderam pensar as três operações mentais que Bergala (2007) destaca que ocorrem no ato de criação cinematográfica: a eleição (escolher), a disposição (posicionar) e o ataque (decidir), que devem ser encaradas antes de suas operações estéticas.

Assim, a produção artística e estética do filme: *O mito das estações do ano*⁴ possibilitou aos alunos pensar, decidir, nomear os personagens, o roteiro, os planos onde seriam filmados e os figurinos num processo único de autonomia. Para Bergala (2007), essa experiência da passagem ao ato é, em sua teoria, insubstituível, por suscitar um saber não acessível apenas pela análise dos filmes. Ao realizarmos essa experiência no contexto escolar, presumimos que o resultado deveria ser visto e apreciado coletivamente, o que realizamos inúmeras vezes com as crianças.

O autor procura, no entanto, fugir do lugar-comum do “espetáculo de fim de ano”, porque o importante é o processociativo com um rastro de aprendizagem e não com ênfase no produto acabado. Esse ver, rever e ver-se de novo, foi o mais impressionante que pudemos notar com o trabalho desenvolvido na turma do 2^a ano, pois, além de se reverem em suas produções, puderam tornar-se protagonistas de suas próprias ideias.

Para Bergala:

A abordagem do cinema como arte pode levar em conta outras habilidades que o sistema escolar deixa escapar e que para se manter coerente, estas não podem ser olvidadas. Há outras formas de inteligência, de iniciativas, de modos de expressão de si que podem se revelar na passagem à realização – que tem como mérito ampliar o campo desses novos possíveis para cada aluno envolvido. Dentro de um coletivo de cartas marcadas, ele se refere àqueles alunos menos “eleitos” pela turma, que só podem trabalhar com a escrita e a língua falada, e poderão ser eleitos pelo não dito ou o inefável, sobretudo, porque só através arte se pode dizer de outra maneira. Quando acompanhado de um adulto que respeita a emoção da criança, o ato aparentemente minúsculo de rodar um plano envolve não só a maravilhosa humildade que foi a dos irmãos Lumiére, mas também a sacralidade que uma criança ou adolescente empresta a uma “primeira vez” levada a sério, tomada como uma experiência inaugural decisiva(2007, p. 210).

⁴ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=5yQxtAHfN1w>

Essa primeira vez das crianças com o ato criativo envolveu a linguagem cinematográfica mediada pelo adulto, tornando-se uma experiência extremamente significativa, tanto para os envolvidos no processo, como para toda escola, pois a simples movimentação dos alunos, os ensaios, as filmagens no pátio da escola, na horta escolar e as viagens para os locais escolhidos das filmagens provocaram as demais turmas para pensarem possíveis hipóteses com o cinema na ação docente.

Por isso, o projeto ganhou corpo e deslocou-se para toda a escola, desde a Educação Infantil até os Anos Iniciais, primeiramente com a implantação do espaço Cineclube na instituição, o qual ocorre toda terça-feira. Desse modo, movimenta as crianças, desloca os educadores para formações que contemplam estudos e apreciações cinematográficas na própria dependência da escola, por meio de formação continuada, na qual estudam, assistem filmes e aventuram-se na produção cinematográfica com os minutos Lumiére propostas a elas nas oficinas de criação. Com base na observação da chegada do trem dos irmãos Lumiére, as professoras foram instigadas a também produzirem seus minutos de filmagens com base na câmera parada.

Este conhecimento da linguagem cinematográfica ganhou espaço agora para as várias turmas da escola, com os trabalhos propostos pelas educadoras. Assim, com o projeto: **A LINGUAGEM CINEMATÓGRAFICA NA AÇÃO EDUCATIVA**, tanto os professores da instituição como as crianças, estão vislumbrando o cinema como ato criativo e inventivo pela criação, pois, com o desenvolvimento dessas ações, descobriram que arte não se ensina, mas se encontra, se experimenta e transita em outro lugar além do discurso da transmissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGALA, A. *La hypothèse del cine: Pequeño tratado sobre La transmisión del cine em La escuela y fuera de Ella*. Barcelona: Cahiers Du Cinéma, 2007.
- COUTINHO, Mario Alves & Mayor, Ana Lucia Soutto. **Godard e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação**: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Revista Contemporânea de Educação, V. 5, n. 10 jul/dez 2010.